

APRESENTAÇÃO

UM DOSSIÊ EM ESTADO DE EMERGÊNCIA E DE CALAMIDADE PÚBLICA

Em pleno século XX, após todo o progresso técnico, racional e científico acumulado pelo homem ao longo de sua caminhada como pretense *homo sapiens*, o mundo assistiu à face mais bárbara e primitiva do animal que sabe. Os campos de concentração, os regimes nazifascistas, o genocídio em massa, a bomba atômica, o fantasma radioativo e tantos outros eventos desastrosos para o *ethos* coletivo provam que nenhuma evolução é possível frente ao que Hannah Arendt (1999) chama de “banalidade do mal”¹ ou à mesquinhez que nos individualiza enquanto espécie.

Como continuar diante desta conclusão? Como sonhar futuros – inclusive na literatura – perante o fato inelutável de que nossa caminhada não se dá avante, mas em torno de? “Escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas”. A afirmação de Adorno (1962, p. 29)², ao decretar o não-lugar da arte em um tempo de exceção permanente, convoca-nos a uma missão: a de um novo começo. Princípio este em que a literatura não é e nem pode ser diletante, mas um gesto humano que se põe na contramão dos ventos da própria raça. Um susto com a normalidade das coisas. Uma postura que – eivada, ela própria, de civilização – avança como bárbara frente à insensibilidade do que se costumou chamar de civilizado.

Literatura e política, a partir de então, encontram-se de modo quase indissociável. E dizer “a partir de” significa que o contemporâneo não revida à condição de impossibilidade da poesia referenciada pelo oráculo de Frankfurt. Pelo contrário, mais do que nunca, a máquina do mundo não toca ao som da lira: o renascimento do fascismo, o início do fim das democracias, o drama dos refugiados, o retorno da fome, o colapso ambiental, a pior ameaça de destruição bélica desde o início da história humana, a retomada das ondas racistas, sexistas, xenófobas e a violência que coloca numerosas minorias em constante estado de vulnerabilidade são fatos nada distantes.

Uma impossibilidade que deixa de ser conotativa para, mais que ontem, inscrever-se no pesadelo da denotação. Este é o tempo da caça política à vida pensante; de satanização da intelectualidade vestindo-a de ideológica; de confusão programada entre humanismo e esquerdismo. “Este é o tempo de partido, / tempo de homens partidos”, presente Drummond de Andrade (1991, p.29)³, o impossível poeta de uma cidade mineira que foi corroída pela mesmo progresso que, hoje, afoga tudo em lama.

Tempo das extinções do Ministério da Cultura, de Secretarias de Cultura, dos artistas – de sua garantia de sobrevivência e de sua voz, por uma censura

¹ ARENDT, Hannah. *A banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

² ADORNO, Theodor W. *Prismas: La crítica de la cultura y la sociedad*. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

subterrânea, judicializada. Tempo de cortes e golpes fatais na Educação, na Pesquisa, em professores - ultrajados por uma fantasia delirante de ideólogos da libertinagem, de vacas profanas a desviarem rebanhos. A quem interessa o fluxo da manada? Para onde ela vai? Abatidos vivemos, entre um bocejo e outro, frente ao ciclo de descabros que se sucedem sem intervalo nas *timelines*, dando-nos a sensação – nenhum pouco virtual – de que “não verás país nenhum”⁴. Uma solapada nos versos de Bilac que decorávamos na infância: “não verás nenhum país como este!”.

Num *locus*, ao mesmo tempo, de apatia e insurgências, o escritor do aqui-agora lança-se em sua produção ora por um mergulho introspectivo de quem não pode conviver com o mundo que aí está, ora pelo viés da militância de quem deseja transformá-lo à força da pena, além de toda a gama de relações estéticas e éticas que aí se interpõem. De uma ponta a outra, nenhum dos gestos artísticos colocam-se como alheios à política. Os artigos desta edição refletem sobre tal variedade de trabalhos: seja no seu aspecto mais subjetivo – ampliado nos estudos das poéticas e da Psicanálise -, seja no seu aspecto objetivo ou, se preferirem, social (não que toda escrita não seja, de forma concomitante e dialética, ambos).

A maioria dos trabalhos vai na direção de uma luta mais enfática, no tempo presente, para pensar o futuro de um país que “tem um grande passado pela frente”, como reza a máxima de Millôr Fernandes. Caldeirão de contrastes abissais, o Brasil vê agora sangrar suas piores chagas coloniais, sua democracia pueril e pusilânime, sua justiça sem vendas, suas oligarquias hereditárias, a ferida exposta de uma educação maltratada. Não é de hoje que a literatura – sobretudo aquela que nasce das mãos de quem está frente a frente com o abismo do desespero e da fome (em sentidos reais ou metafóricos) - se esforça por transformar os rumos do império colonial: “Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”, diz Carolina Maria de Jesus (1986, p. 37)⁵ no *Diário de Bitita*.

No dia 28 de outubro de 2018, o Brasil consolidou, na figura de um presidente, a polarização que cindiu um povo em dois polos raivosos. Nesse mesmo dia, Ricardo Lísias (2019)⁶ começou a escrever o *Diário da catástrofe brasileira*, que vem sendo, ao longo deste ano, publicado em formato de *e-book*, sendo atualizado com frequência. A cada nova publicação, a versão anterior desaparece, como prova da insustentabilidade atual das coisas, inclusive da escrita. Este é o começo da primeira entrada:

(28 de outubro de 2018) É quase meia noite. Há algumas horas, foi eleito presidente da república o candidato mais nefasto da história eleitoral brasileira. Por razões de espaço é impossível citar a quantidade de ofensas e vulgaridades que ele lançou durante a campanha. Sem falar em sua longa carreira política...

É provável que cada um dos brasileiros (inclusive todos os seus eleitores) tenha sido agredido e ameaçado, dos ministros do Supremo Tribunal Federal à população que vive em miséria absoluta. Os grupos vulneráveis sempre foram os preferidos. Comecei a escrever por impulso. Fui arrumar a mesa antes de dormir e achei um caderno em branco. Imaginei que depois do resultado eu teria uma reação

⁴ BRANDÃO, Ignácio de Loyola Brandão. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Global, 2010.

⁵ JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi Editora, 2017.

⁶ LÍSIAS, Ricardo. *Diário da catástrofe brasileira I* – transição. E-book, 2019.

diferente. Não sinto nenhum tipo de raiva ou ódio. Ficaram na campanha.

Nestes dois exemplos separados por décadas, há um apagar de fronteiras: um misto de realidade e ficção, de literatura e política, de cérebro e estômago. A visada poética de um destino inelutável que chamamos nação, e cujas cores vibrantes desbotam ao servir de pano de boca de um banquete para poucos. Como conclama a chamada-manifesto deste dossiê, não é possível baixar a guarda, mesmo diante da defesa do óbvio. Sobretudo diante de um cenário político instável e deste flerte tenebroso com a ditadura, colocamo-nos hoje à sombra de tantos que sobreviveram, que lutaram nos sóis e nos porões. “Não seria esta hora exata dos escritores se reunirem e tomarem uma posição rígida e irreversível?”⁷ (ABREU, 2002, p. 399).

Não seria agora esta mesma hora? A hora exata e urgente? Não se trata de pedir que todos pensem iguais. Nenhum momento histórico é homogêneo, já disse Gramsci. Preso pelo regime fascista em 1929, o pensador acredita que a busca pela estética literária não deve, a princípio, excluir seu viés político. Assim, a contradição entre o literato e o político é tomada como ponto de partida para uma reflexão que busca compreender o nascimento de um novo tipo de intelectual: o “especialista + político”. Vale lembrar, neste ínterim, a concepção grega de arte e política: ambas pertencem à categoria do que chamavam de *techné*, algo próximo do domínio técnico, do labor, do conhecimento profundo que leva à prática.

Escreve Gramsci (1981, p. 208): “Pelo fato de que na obra de arte se deve procurar apenas o caráter artístico, não quer dizer que se tenha de excluir a pesquisa sobre aquela massa de sentimentos, sobre a atitude para com a vida, que circula na própria obra de arte”⁸. Dessa forma, para o pensador italiano, o político imaginaria o homem tal qual ele é e, simultaneamente, como deveria ser, máxima aristotélica para definir a *poiesis*. Assim ele atingiria seu objetivo: fazer com que homens e mulheres se movam, acordem, “saíam de seu estado presente para se tornarem capazes coletivamente de alcançar o objetivo proposto”⁹ (GRAMSCI, 1981, p. 231). É isso que esperamos com este dossiê. Fazer aparecer a contradição, pois é dela que nasce o artista para Gramsci, do choque entre o processo de criação artística e seu conteúdo, entre estética e política, arte que exige um novo leitor e um novo crítico.

Queremos proclamar com Gramsci (1981, p. 209), em tom de manifesto:

Que o homem político faça uma pressão para que a arte do seu tempo exprima um determinado mundo cultural, é atividade política e não de crítica artística: se o mundo cultural, pelo que se luta, é um fato vivente e necessário, a sua expansividade será irresistível, encontrará os seus artistas.¹⁰

⁷ ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Org. Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cuadernos de la cárcel*. v. 5. Edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana. Ciudad del Mexico: Ediciones Era, 1981.

⁹ _____. *Cuadernos de la cárcel*. v. 5. Edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana. Ciudad del Mexico: Ediciones Era, 1981.

¹⁰ _____. *Cuadernos de la cárcel*. v. 5. Edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana. Ciudad del Mexico: Ediciones Era, 1981.

Se a chamada para artigos deste dossiê marcava a importância da literatura nos momentos de crise, a publicação da coletânea de trabalhos que se apresenta acontece em um novo momento de emergência, em que as suposições das catástrofes se concretizam, com a sensação generalizada de pesar e de revolta. Somam-se a ela outros sentimentos, não propriamente novos, mas que andavam disfarçados pela polidez dos discursos anticorrupção: a descrença na justiça, os vários pesos para as muitas medidas da balança que a deusa grega segura, a impunidade. Hoje, 500 dias depois, ainda nos perguntamos quem matou Marielle Franco e Anderson Gomes. Embora não faltem suspeitos - nem convicções - mais da parte dos injustiçados do que dos pseudo-justiceiros.

Em suas *Teses sobre o conceito de história*, Walter Benjamin¹¹ afirma que existe um “encontro secreto” marcado entre as gerações precedentes e a atual, como se alguém estivesse sempre à nossa espera e sentíssemos um apelo do passado ao qual não podemos rejeitar impunemente. O passado, como rememoração, não é nem vazio e nem homogêneo, diz Benjamin, e o mesmo acontece com o futuro quando o projetamos. O pensador lembra que, aos judeus, era proibido investigar o futuro. “Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” (BENJAMIN, 1987, p. 232).

Com Rodrigo SM afirmamos aqui: “Se há direito ao grito, então eu grito”¹² (LISPECTOR, 2006, p. 12). Gritemos, pois é esta a hora. Este dossiê é a reunião de alguns brados. Alguns mais discretos, outros mais pungentes. Todos, de alguma forma, urgentes. Esperamos que a leitura destas discussões e ideias faça florescer mais do que a efemeridade dos *likes* e dos *memes*. Esperamos, verdadeiramente, que estes textos nos permitam pensar um novo lugar para a poesia e para a ficção na sociedade brasileira de hoje. Esperamos que a censura não prevaleça sobre a liberdade de pensamento, de expressão e de manifestação. Esperamos que a justiça seja feita àqueles que se colocaram entre os direitos humanos e a ganância.

Resistimos. Resistiremos. Sempre.
Uma boa leitura a todos.

Renato Forin Jr. e Ricardo Augusto de Lima
Universidade Estadual de Londrina

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas - Magia e técnica, arte e política* (Vol. 1). São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

¹² LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.